



GÊNEROS TEXTUAIS EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA

Autor: Leiliane Aquino Noronha; Orientadora: Kátia Cristina Cavalcante de Oliveira

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) Email: leiliane.aquino@yahoo.com.br

Universidade Estadual do Ceará (UECE) Email: katia.oliveira@uece.br

RESUMO

O presente trabalho se propõe apresentar uma reflexão sobre a prática com os gêneros textuais em sala de aula no Ensino Médio. Para tanto, consideramos os gêneros textuais como um aspecto fundamental no processo de interação entre os indivíduos. Assim, defendemos práticas em salas de aula que busquem, sobretudo, desenvolver nos alunos o seu potencial crítico, o desenvolvimento de sua capacidade linguística e a sua capacitação como ouvinte/leitor/falante efetivo dos mais diversos textos representativos de diferentes contextos sociais. Na busca de atingirmos nosso objetivo, traçamos como metodologia desta pesquisa, a observação de um total de 10h/a de Português no Ensino Médio, a fim de verificarmos como era realizado o trabalho com gêneros textuais em sala de aula. Assim, para a construção da análise reflexiva dos dados, investigamos o material coletado a partir de uma abordagem descritivo-interpretativa para que pudéssemos entender as experiências realizadas. Portanto, os resultados a que chegamos demonstram que os principais desvios na prática do professor giram em torno de uma abordagem superficial dos aspectos funcionais e formais do gênero textual, distanciando-se de um trabalho pautado em uma perspectiva interacionista em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de língua portuguesa, Gêneros textuais, Ensino Médio.

1. INTRODUÇÃO

Como professores de Língua Portuguesa, inquieta-nos a questão de sabermos sobre as práticas com os gêneros textuais em sala de aula, bem como as influências dessas no desempenho dos alunos. Desse modo, consideramos que os gêneros textuais estão presentes no contexto social e cultural que o indivíduo está inserido, proporcionando-lhes a adquirirem mais informações e contribuindo para o processo de comunicação na sociedade.

Logo, este trabalho parte primeiramente da noção de língua como interação (GERALDI, 1999), tendo em vista que esta é influenciável por diversos fatores sociais. Diante dessa perspectiva, o intento das aulas de Língua Portuguesa é desenvolver um ambiente onde, através do trabalho com os gêneros textuais, proporcione aos alunos o acesso aos variados contextos sociais.



Diante disto, podemos considerar que a interação social ocorre através dos gêneros textuais, partindo das necessidades do sujeito no processo de comunicação. Assim, esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre práticas em sala de aula, bem como suas possíveis influências no desempenho dos alunos ao produzirem seus textos.

Nesse contexto, vale destacar ainda que não tencionamos identificar se as práticas observadas em sala de aula são consideradas como princípios corretos (ou incorretos), pois nosso foco foi apresentar o contexto observado e as possíveis influências desse, na produção dos alunos. Assim, não tencionamos julgar ou atribuir as possíveis inadequações nas produções dos alunos como consequências majoritariamente da prática docente, já que levamos em consideração a existência de diversos outros fatores corriqueiros, que implicam o trabalho em sala de aula.

Dessa forma, a proposta apresentada neste artigo surge com o intuito de contribuir com o desenvolvimento dos alunos, além de, justificar-se como relevante diante da necessidade do professor está sempre refletindo sobre sua prática. Para tal, é oportuno destacar que nos apoiamos em alguns teóricos, tais como: Bakhtin (1997), Bazerman (2006), Bronckart (2007), Carvalho (2005), Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004), Herais; Biasi-Rodrigues (2005), Rojo; Cordeiro (2004) e Schneuwly (2004), a fim de conhecer o assunto discutido.

Para fins de organização retórica, dividimos este artigo em quatro partes, além da introdução: na primeira, tratamos de bases teóricas referentes aos gêneros textuais; na segunda parte, apresentamos o percurso metodológico da pesquisa, em seguida, apresentamos a análise dos dados observados e, posteriormente, algumas considerações sobre a discussão proposta.

2. GÊNEROS TEXTUAIS: REFLEXÕES TEÓRICAS

Levando em consideração os paradigmas que norteiam o ensino de língua materna, apresentaremos adiante algumas das implicações teóricas que tratam dos gêneros textuais, discutindo sobre sua abordagem em sala de aula e expondo seu papel fundamental na interação entre indivíduos.

Oriundo do contexto sociointerativo da língua, ou seja, na prática de atividades cotidianas, realizadas através da utilização dos “enunciados orais e escritos, concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana”



(BAKHTIN, 1997, p. 280) é que se intensifica o estudo sobre *gêneros textuais*, apresentados como *gêneros do discurso*¹, sendo estes considerados por diversas propostas como o cerne do ensino, estudos e base principal para o processo de ensino-aprendizagem na área de Língua Portuguesa.

Em geral, essa nova concepção dada para o *instrumento* de trabalho nas aulas de Língua Portuguesa embasa-se em diversas correntes teóricas, dentre elas destacaremos o Grupo de Genebra e os Norte Americanos – EUA que, sobretudo, são influenciados pela concepção bakhtiniana. Embora o foco de atenção das suas discussões teóricas não tenha sido o ensino-aprendizagem de línguas, o Círculo de Bakhtin tem impulsionado muitos trabalhos na área, pois seus estudos partem do princípio de que os gêneros textuais são constituídos como um produto carregado de condições sociais.

Mediante tais fatos, as discussões direcionadas para os conceitos relacionados ao ensino de língua materna, bem como à aplicação dos gêneros textuais, defendem a ideia do texto como um conjunto das influências sociais. Tais aceções sobre os gêneros textuais são estudadas através de pesquisas bem distintas, como já citado. O Grupo de Genebra apresenta as concepções/abordagens *interacionista e sociodiscursiva* e o Grupo dos Norte Americanos – EUA, destaca a *sociorretórica*.

Assim, Rojo e Cordeiro (2004), com base nos estudos da corrente interacionista/sociodiscursiva, ao discutirem sobre os gêneros textuais e a escola, fazem uma síntese dessa trajetória, destacando a função destes exercida em sala de aula. Ressaltam que, em boa parte dos estudos sobre o assunto, os gêneros textuais preconizam-se como um “material ou objeto empírico utilizado como um meio para a leitura e produção de textos” nas aulas de Língua Portuguesa, mas em algumas situações não oportunizam uma “leitura interpretativa, reflexiva e crítica com ênfase no contexto e finalidade do texto”. (ROJO; CORDEIRO, 2004, p. 9).

Na visão do Grupo de Genebra tem-se a ideia de que o indivíduo está relacionado às atividades e ao meio em que este está inserido, influenciando e sendo influenciado nos contextos sociais. Dessa forma, os gêneros textuais são meios de articulação e eixo fundamental para a mediação e relação entre *prática social e atividade de linguagem*, já que estes são as formas em que as práticas de linguagem se materializam, podendo ser conceituados, segundo Schneuwly (2004), como:

¹ Diante das diversas discussões existentes sobre esse tema, neste trabalho é adotado o termo “gênero textual”.



[...] gênero como organizador global: tratamento do conteúdo, tratamento comunicativo, tratamento linguístico [...] gênero como um *megainstrumento*, como uma configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos (sobretudo linguístico, mas também paralinguístico), permitindo agir eficazmente numa classe bem definida de situações de comunicação [...] (SCHNEUWLY, 2004, p. 25)

Os gêneros textuais podem, então, ser considerados como um suporte nas situações de aprendizagem, já que condizem com as reais e diversas situações de comunicação, desenvolvendo, assim, a capacidade de agir através da linguagem, ou seja, para isso precisa-se compreendê-los e produzi-los na escola e fora dela.

No que diz respeito à visão de Bronckart (2007), o autor faz uma ressalva para as “espécies de textos²” existentes, que são produzidos de acordo com grupo social, intencionalidade do autor, contexto de circulação, dentre outros. É a partir dessa diversidade que surge a denominação de gênero textual, considerada por Bronckart como vaga.

Segundo o autor, isso acontece porque há uma série de critérios que podem ser considerados para a elaboração de um conceito para gêneros textuais. Critérios como: “tipo da atividade humana implicada, efeito comunicativo visado, tamanho e/ou natureza do suporte utilizado, conteúdo temático abordado”, dentre outros. (BRONCKART, 2007, p. 73) Desse modo, destaca-se que os critérios mais prováveis para a classificação de gênero são as *unidades e as regras linguísticas específicas*. (BRONCKART, 2007, p. 74).

Para Bronckart (2007), cada gênero textual tem sua realização individual, em virtude de seu caráter único, dinâmico e heterogêneo. Há, dessa forma, uma multiplicidade de gêneros textuais, sendo que todo texto é “necessariamente constituído com base no modelo de um gênero, isto é, ele pertence a um gênero [...] E estes estão em perpétuo movimento”. (BRONCKART, 2007, p. 138) Como cita o autor

[...] os textos são produtos das atividades de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses, e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de *gêneros de texto*) e que ficam disponíveis no *intertexto* como modelos *indexados*, para os contemporâneos e para as gerações posteriores [...] (BRONCKART, 2007, p. 137)

Sendo assim, os gêneros textuais implicam mecanismos fundamentais para a socialização, que é a inserção efetiva das pessoas nas atividades comunicativas humanas, entendendo como se organizam e funcionam essas atividades.

Visto isso, passamos a abordar agora a perspectiva sociorretórica, bem como seu interesse pela natureza social do discurso, presente nos seus trabalhos sobre os gêneros

² “Conjunto de textos com características comuns” (BRONCKART, 2007, p. 72).



textuais que se caracterizam, em linhas gerais, pelo propósito de destacá-los de acordo com as peculiaridades do grupo em relação ao trabalho (sociorretórico), cujo objetivo está vinculado entre o *propósito e o contexto* das práticas com os textos nas múltiplas situações da dimensão social.

Sobre a definição e a caracterização de um gênero textual, Miller (1994 *apud* CARVALHO, 2005, p. 133), defende em seus pressupostos teóricos uma teoria de gêneros textuais como “ação social”, chegando a esta noção a partir do estudo de sua relação com a situação recorrente, ou seja, gênero textual como “ação retórica tipificada”. Segundo Miller (1994 *apud* CARVALHO, 2005, p. 134), os gêneros textuais podem ser definidos com base nas seguintes características

[...] refere-se a categorias do discurso que são convencionais por derivarem de ação retórica tipificada; é interpretável por meio de regras que o regulam; é distinto em termos de forma, mas é uma fusão entre forma e substância; constitui a cultura; é mediador entre o público e o privado [...] (MILLER, 1994 *apud* CARVALHO, 2005, p. 134)

Dessa forma, a autora define os gêneros textuais como ação social, que atuam como elos e mediadores das ações humanas, pois estabelecemos sempre um propósito comunicativo para o que queremos atingir. Assim, tanto as características do contexto, demandas situacionais, motivação dos participantes (efeitos pretendidos e/ou percebidos) são componentes imprescindíveis para a situação comunicativa (CARVALHO, 2005, p. 133).

Já nos estudos de Bazerman, pode-se observar que o autor tem a mesma visão de gênero textual como ação social, dando ênfase às intenções e aos aspectos influenciáveis que orientam as atividades discursivas. Na defesa de seu conceito, o autor afirma que os gêneros textuais

[...] são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos [...] São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais [...] (BAZERMAN, 2006, p. 31)

Pelo exposto, percebe-se que os gêneros textuais não são compostos por elementos iguais, mas construídos diante das relações dos sujeitos na sociedade e evoluem paralelamente com as constantes mudanças no eixo social, sendo necessário compreendê-los como: “fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas” (BAZERMAN, 2006, p. 31).



Estes se enquadram, então, na interação organizacional das ações/atividades a partir da configuração dos fatos sociais, “atos de fala, conjunto de gêneros, sistemas de gêneros e sistemas de atividades” (BAZERMAN, 2006, p. 32). Diante desse caráter dinâmico dos gêneros, é que se proporciona um ambiente de trabalho na sala de aula voltado para instigar os alunos, criando, assim, oportunidades para aprendizagem.

Passemos à abordagem de John Swales para o estudo e análise dos gêneros textuais. O conceito de gênero textual na sua perspectiva foi influenciado por quatro áreas distintas: “o folclore, a literatura, a linguística e a retórica”. A partir dessas influências, John Swales desmistifica a ideia de gêneros textuais como “fórmula textual”, defendendo que estes vão muito além de análise linguística, sendo o fator “contexto” norteador para a formulação do seu conceito, bem como o ensino e a prática dessas produções.

Foi, então, diante dessas influências que John Swales formulou seu conceito de gênero textual, constituído em quatro características fundamentais. Segundo Herais, BIASI-Rodrigues (2005, p. 113-114), as características podem ser classificadas como: “classe de eventos comunicativos, propósito comunicativo, prototipicidade, razão ou lógica subjacente e terminologia/comunidade discursiva”³. Segundo Swales,

[...] um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo [...] (SWALES, 1990 *apud* HEMAIS, BIASI-RODRIGUES 2005, p. 114 - 115).

No entorno das formulações de Swales, observa-se que este considera os gêneros textuais a partir da efetiva participação comunicativa, bem como sua evolução diante desta, enfatizando, assim, o propósito comunicativo e a ação social. Dessa forma, é ultrapassada a importância dada simplesmente à forma textual, levando-se em conta a inserção do gênero textual e suas funções regularmente exercidas.

Portanto, os trabalhos com os gêneros textuais adotam diferentes vias teóricas. Com efeito, as discussões das abordagens aqui citadas implicam diferentes e complexas discussões em relação às perspectivas do ensino de língua materna, na busca de que o caráter interativo dos gêneros textuais seja cada vez mais recorrente nas práticas em sala de aula.

3. O CONTEXTO DA PRÁTICA: PERCURSO METODOLÓGICO

³ Ver HEMAIS Barbara; BIASI-RODRIGUES Bernardete, 2005, p. 107-129.



Esta pesquisa encontra-se centrada, como já citado na parte introdutória deste artigo, em interlocuções feitas acerca das observações de 10h/a de Língua Portuguesa em turmas do 2º ano do Ensino Médio da rede pública na cidade de Limoeiro do Norte/CE.

Dessa forma, em relação ao procedimento adotado para realização da pesquisa, este foi composto por um momento de observação das aulas e logo em seguida, a fase de análise e interpretação dos dados. Assim, podendo ser classificada como qualitativa, pois foram discutidos os resultados alcançados após a observação das atividades realizadas em sala de aula, visando às implicações destas nas produções dos alunos. Nesse sentido, nos preocupamos em perceber as diferentes nuances do contexto observado, compreendendo os sentidos atribuídos pelos sujeitos à sua realidade (MINAYO, 2009).

Todo o trabalho realizado estava voltado para o gênero textual *anúncio publicitário*. Então, refletimos sobre essas aulas observadas, expondo uma discussão acerca do contexto em que estas se encontram, do mesmo modo, apresentamos os resultados dessas reflexões e suas possíveis ligações com a base teórica adotada.

No que se refere à finalidade deste trabalho, partindo primeiramente do foco presente nos objetivos, o estudo constitui-se em uma “pesquisa descritiva” (GIL, 2002), pois dá ênfase primordialmente à descrição e à relação existente entre as aulas e as produções realizadas pelos alunos. Portanto, buscou-se, na realização dessa pesquisa, observar até que ponto a forma de abordagem dos gêneros textuais influencia para que os sujeitos sejam proficientes no momento da sua produção, ou seja, até que ponto essa abordagem auxilia (ou não) para que os alunos sejam proficientes na própria língua.

4. ANÁLISE DE DADOS

O quadro a seguir apresenta cinco passos representativos das aulas observadas, descrevendo as práticas que nortearam o trabalho em sala de aula com o gênero textual anúncio publicitário.

(continua)

| EXPOSIÇÃO DO TRABALHO REALIZADO EM SALA DE AULA (10H/A) | |
|--|--|
| 1º PASSO | A professora iniciou os trabalhos com um breve comentário sobre o que seria abordado no decorrer da aula, informando que no final das atividades acontecerá uma votação para eleger o gênero textual condizente com o conteúdo trabalhado. |
| | Retomada da aula anterior, fazendo com que os alunos participassem através de comentários sobre o |



| | |
|-----------------|---|
| 2º PASSO | que já havia sido trabalhado (texto argumentativo), procurando sempre relacioná-lo com o conteúdo atual – anúncio publicitário. |
| 3º PASSO | Exposição de slides no Laboratório de informática sobre o tema da aula, acompanhado pela explicação da professora e participação dos alunos, que aos poucos interagiram e copiaram as informações no momento de exibição do conteúdo. |
| 4º PASSO | Após a apresentação do conteúdo, foi solicitado que os alunos formassem equipes com 4 alunos para que, em seguida, eles produzissem um anúncio publicitário a partir de imagens presentes no material disponibilizado. |
| 5º PASSO | Após as atividades já descritas, aconteceu a apresentação de todos os anúncios produzidos e uma votação sobre o anúncio publicitário que estava de acordo com o material apresentado durante a aula. |

FONTE: elaboração própria

(conclusão)

Como se pode perceber, o trabalho com o gênero textual anúncio publicitário é pautado em uma metodologia que apresenta ausência da contextualização do assunto, bem como falhas na organização das etapas que serão executadas no decorrer da abordagem do gênero textual em foco. Ou seja, constata-se uma superficialidade nas atividades realizadas e na aplicação desse trabalho. Como reforçam as considerações de Rojo e Cordeiro (2004), em muitos dos casos, os gêneros textuais são abordados como modelos para abstração de informações, totalmente desvinculados do meio comunicativo.

Podemos visualizar melhor essas questões, assim como demais pontos que fogem de um trabalho mais aprofundado e significativo com o gênero textual a partir da análise dos passos centrais que resumem as aulas observadas.

O quadro exposto anteriormente apresenta logo de início inadequações na introdução do assunto para a turma. No caso em análise, percebe-se a abordagem de um novo conteúdo, sem antes expor para os alunos o passo a passo do que irá acontecer no decorrer desses trabalhos.

Logo em seguida, pode-se verificar mais especificamente no 2º passo um ponto parcialmente satisfatório: é feita uma relação do novo conteúdo abordado com o trabalhado anteriormente, mas não se valoriza o conhecimento prévio dos alunos nessa nova abordagem em sala de aula.

No entanto, essa etapa é necessária para o trabalho a ser realizado, já que é a partir da valorização do conhecimento prévio que se evidencia, delimita e constrói, de fato, os objetos e conteúdos a serem explorados mais adiante, corroborando assim, as discussões feitas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 87) que consideram a valorização do conhecimento prévio como um elo para a aquisição de novos conhecimentos.



Ainda contextualizando o quadro exposto, vale destacar o 3º passo, que trata da exposição do conteúdo, apresentado com algumas lacunas. Diante da explicação feita, através da abordagem de questões como: objetivos, estrutura (título, slogan, texto e imagem), público alvo e características, percebemos, que no caso em análise, o trabalho não atende às funções que gêneros textuais dispõem para sua realização em sala de aula.

Nesse ponto vale ressaltar a proposta de Marcuschi (2003, p. 20), que por sua vez, destaca a importância da inserção dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, já que as funções “comunicativas, cognitivas e institucionais” dos gêneros textuais contribuem para um trabalho pautado no melhor desempenho dos alunos nos eixos do ensino de LP – análise linguística, escrita, leitura e oralidade.

Nesse caso, observa-se ainda no 3º passo a intenção da professora mesmo que inconscientemente em explorar tais funções, como por exemplo, apresentando o conteúdo a partir do recurso tecnológico dos slides, exibidos no espaço do Laboratório de Informática, constando como um diferencial das demais aulas observadas. Todavia, estes se apresentam apenas com a mesma função que o quadro negro assume diariamente na maioria das aulas, um suporte para que os alunos possam transcrever para o caderno as informações expostas. Ou seja, verifica-se uma troca do objeto para exposição do conteúdo, mas nenhum envolvimento deste com as práticas discursivas.

Dentro dessa perspectiva, as aulas aqui analisadas mostram um trabalho desprendido de uma proposta que represente a relação do gênero textual e sua participação na sociedade, como propõe Geraldi (1999), ao tratar das concepções de linguagem, e Travaglia, (2008) ao abordar os tipos de ensino de Língua Portuguesa. Assim, pode-se ver que a ênfase é dada ao estudo superficial das dimensões do texto, seja nos aspectos formais ou funcionais.

Para reforçar tal questão, basta analisar os passos finais (4º e 5º passos) desse trabalho. A aula foi encerrada com a produção de um anúncio publicitário acompanhado por uma votação, que elegeu o texto mais satisfatório, de acordo com o perfil traçado pela professora para a elaboração do gênero textual anúncio publicitário.

Como descrito no 4º (quarto passo), que trata da disponibilidade de material (revistas) para a realização dos trabalhos, a professora proporcionou o contato dos alunos com diversos anúncios publicitários. No entanto, estes serviram apenas como modelo para que a turma pudesse realizar a atividade solicitada, havendo, assim, uma ocultação dos aspectos que podem ser explorados, considerando as interferências sociais.



Pode-se considerar a votação para a escolha da melhor produção em partes como uma ação condizente para a exploração do gênero textual sob diferentes pontos, já que ficou clara a delimitação no início da aula para a realização dessa atividade, proporcionando ao aluno a produção de um gênero textual com base em um direcionamento. Como se refere, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 84 – 85) as produções dos alunos devem partir de orientações seja no que diz respeito a “qual gênero que será abordado, a quem se dirige a produção, que forma assumirá a produção e quem participará da produção”.

Por outro lado, se não houve uma produção individual, para estudo de questões específicas de alguns alunos (ou da maioria deles), análise dos textos produzidos pelos alunos antes da votação, reescritas das produções, abordagem de algum aspecto linguístico (análise linguística), atividades direcionadas para a leitura, a oralidade, a escrita ou diversos outros pontos que estão ancorados na amplitude de possibilidades do trabalho com os gêneros textuais, fica claro o desvio do foco de um processo significativo com alguns dos eixos destacados anteriormente, ou seja, a realização de atividades apoiadas na ligação entre os âmbitos escolar e social.

Detendo-nos às produções dos alunos, verificamos que a maioria dos sujeitos participantes apresentou, em suas produções, apenas a fragmentação de suas partes (título, corpo do texto, slogan, imagem), aspectos que fogem da produção adequada de um gênero textual. Diante disso, percebe-se um ensino de LP voltado para o “uso da língua” e não prioritariamente o “saber sobre a língua”.

Além disso, não houve uma relação, na grande maioria, da disposição adequada dos elementos textuais, ou seja, houve uma lacuna na definição do público-alvo, na escolha de uma imagem que interfira na produção de sentidos, bem como no uso das cores, o tamanho das letras, o uso dos *slogans* e das diversas linguagens.

Em relação ao corpo do texto, confirmamos produções descontextualizadas, constando alguns erros ortográficos, ausência de verbos no modo imperativo e no uso de recursos como: ambiguidade, figuras de linguagem, dentre outros, sendo estes particularidades fundamentais para a linguagem persuasiva, predominante nos anúncios publicitários.

Portanto, pode-se observar algumas inadequações na prática da professora, assim como nas produções dos alunos. Tais questões podem ser atribuídas a diversos fatores escolares e extraescolares. Detendo-nos ao ocorrido em sala de aula, vale ressaltar que as



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

produções apresentadas são reflexos da necessidade de uma “educação linguística” (ANTUNES, 2009, p. 40), ou seja, antes de aderir à avalanche de mudanças, precisa-se rever uma série de concepções equivocadas em relação ao ensino de LP, para que, só então, se possa compreender e ser autônomo na prática complexa, que é o ato de ensinar a língua materna.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como objetivamos, neste artigo, discutir as práticas do professor e suas influências no desempenho dos alunos, ressaltamos a importância de atividades nas aulas de Língua Portuguesa que estejam, sobretudo, pautadas no fator interação, ou seja, que considerem o caráter dinâmico e flexível da linguagem.

Acreditamos que trabalhar com o gênero textual é provocar reflexão sobre o uso da língua, proporcionando um processo de interação, pois através dos inúmeros gêneros que podem ser trabalhados em sala de aula, é possível abordar os aspectos formais e informais da língua, sabendo quando e como usá-los. Desse modo, pode-se contribuir significativamente no processo de aprendizagem, desenvolvendo nos alunos a sua capacidade crítica, acarretando uma melhoria no seu vocabulário e conseqüentemente na sua escrita, oralidade e leitura.

Portanto, para que a necessidade destas práticas seja preenchida, se faz necessário a elaboração de atividades que voltem a atenção para situações nas quais considerem a competência discursiva do aluno, a partir de um contexto real de produção e explore o caráter comunicativo dos gêneros textuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES. Língua e cidadania: repercussões para o ensino. *In:* _____ **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 33-45

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In:* _____. **Estética da Criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-327.

BAZERMAN, Charles. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. *In:* DIONISIO, Angela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Orgs.). **Gêneros textuais, tipificação e interação.** São Paulo: Cortez, 2006. p. 19-46.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRONCKART, Jean-Paul. Os textos e seu estatuto: considerações teóricas, metodológicas e didáticas. *In:* _____. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo.** São Paulo: EDUC, 2007. p. 69-89.

CARVALHO, Gisele de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. *In:* MEURER, J.L; BONINI Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 130-149.

DOLZ, Joaquim. NOVERRAZ, Michèle. SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In:* ROJO, Roxane. CORDEIRO; Glaís Sales. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In:* DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel e BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36.

MINAYO, M. C. de S. O Desafio da pesquisa social. *In:* DESLANDES, S. Ferreira; GOMES, Romeu, MINAYO, C. de Souza. [org.]. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de Português. *In:* _____. (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1999. p. 39-46.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002. 176 p.

HEMAIS, Barbara; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A proposta sociorretórica de Jonh M. Swales para o estudo de gêneros textuais. *In:* MEURER, J.L; BONINI Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

ROJO, Roxane. CORDEIRO, Glaís Sales. Gêneros orais e escritos como objeto de ensino: modo de pensar, modo de fazer. *In:* _____. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 07-16.

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In:* ROJO, Roxane. CORDEIRO; Glaís Sales. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 19-34.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Objetivos no ensino de língua materna. *In:* _____. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** São Paulo: Cortez, 2008.